

## A ação salvífica de Deus através da água: uma análise sobre a *anamnesis* presente na oração de bênção da água batismal

Alexssandro de Oliveira Lima <sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho é um estudo sobre a *anamnesis* presentes na prece da bênção da água batismal, rezada na vigília de páscoa sobre a água que será usada para o batismo, e que nos relembra as ações salvíficas de Deus realizada por meio deste elemento tanto no Antigo como no Novo Testamento e que recordamos como tipologias do batismo cristão. O objetivo deste trabalho é analisar as seis tipologias da prece, mostrando através do rito da oração sobre a água, o agir de Deus na história da salvação. A metodologia deter-se-á a um estudo tipológico, litúrgico e teológico da prece sobre a água batismal na noite santa de Páscoa, por meio de uma pesquisa bibliográfica, este estudo aprofundará a reflexão da *anamnesis* da prece, baseando-se na Sagrada Escritura, nos Santos Padres, nos textos litúrgicos, e em autores modernos que nos ajudarão neste aprofundamento. Concluiremos assim, vendo as maravilhas que Deus realizou por meio da água na história da salvação, culminando no batismo cristão.

**Palavras chaves:** Água. *Anamnesis*. Batismo. Salvação.

### INTRODUÇÃO

No rito do batismo temos uma prece rica tipologicamente e teologicamente, que é a oração litúrgica que pede a bênção sobre a água batismal; “durante o rito do Batismo a água também é santificada através das orações ao Espírito Santo” (ALFEYEV, 2018, p. 179). Essa oração foi desenvolvendo-se ao longo da história cristã, baseando-se em momentos da história da Salvação onde Deus utilizou a água como prefiguração do batismo cristão. Diante desse processo, faremos uma análise sobre a ação salvadora de Deus por meio da água presente na prece de oração de bênção, onde vemos as maravilhas que Deus realizou por meio da água desde as águas primeiras, culminando no batismo cristão onde os “homens e as mulheres são lavados da antiga culpa pelo batismo e renascem pela água e pelo Espírito Santo para uma vida nova” (RITUAL DA INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS, 2001, p.96).

### 1 ORIGEM DA ORAÇÃO DE BÊNÇÃO SOBRE A ÁGUA

O rito da bênção da água é uma tradição antiquíssima, Tertuliano (160 d.C – 220 d.C) em seu “Tratado sobre o Batismo”, foi um dos primeiros a fazer referência sobre uma bênção da água batismal (GOEDERT, 1988, p. 110). Hipólito de Roma (170 d.C – 236 d.C) na “Tradição Apostólica” cita o rito do Batismo no qual se faz uma oração sobre a água “Ao cantar do galo, reze-se, primeiro, sobre a água” (HIPÓLITO, 1981, p.51). Além de Hipólito,

1 Mestrando em teologia bíblica, UNICAP, [oalexssandro96@gmail.com](mailto:oalexssandro96@gmail.com)

também Cipriano, Agostinho e Ambrósio fazem alusão a esse Rito, este último em sua obra, “Os sacramentos”, nos relata que: “O bispo, ao entrar, faz o exorcismo sobre a criatura que é a água. Seguem a invocação e a prece, para que se santifique a fonte e aí se manifeste a presença da Trindade Eterna” (AMBRÓSIO, 2019, p.44).

Vemos que a bênção da água está presente na prática eclesial de todos os tempos, com algumas diferenças. Para Agostinho e para Cipriano essa bênção tem uma função muito importante na celebração do batismo, “Agostinho e Cipriano não só admitem, mas até mesmo a colocam como condição para a validade do batismo” (GOEDERT, 1988, p. 113).

Sobre o desenvolvimento e evolução do batismo e da bênção da água Goedert nos diz que:

Mais tarde, pelo século VIII, a bênção da água é acompanhada de outros ritos, como: a tríplice imersão do círio pascal, o tríplice sopro sobre a água, significando o sopro do Espírito Santo, e a aspensão dos fiéis com água benta. Essa fórmula da bênção da água se mantém até o Concílio Vaticano II (GOEDERT, 1988, p. 115).

Um dado interessante de ser notado é que nos primeiros séculos do cristianismo a água era abençoada todas as vezes que se realizava o batismo, segundo Rocchetta essa prática é ainda hoje praticada pelos cristãos orientais:

Essa é ainda hoje a prática das Igrejas do Oriente. Na Igreja latina, essa prática foi conservada somente até a alta Idade Média, quando se impôs o uso de pronunciar essa bênção somente nas vigílias da Páscoa e de Pentecostes e, a partir de 1956, somente na vigília pascal (ROCCHETTA, 1991, p.253).

Na constituição *Sacrosanctum concilium* a Igreja faz uma menção da bênção da água, voltando à antiga tradição de abençoar a água não só na vigília pascal, mas em todos os tempos. Diz ela: “Fora do tempo pascal, pode benzer-se a água batismal no próprio rito do batismo e com uma fórmula especial mais breve” (*SACROSANCTUM CONCILIUM*, 2000, p.286).

## 2 AS ANAMNESIS DA PRECE BATISMAL

A prece de bênção da água tem uma estrutura semelhante a da oração eucarística “Está construída sobre a mais clássica estrutura eucarística: ao louvor a Deus pelo poder com que incessantemente opera “as maravilhas da salvação” (eulogia ou eucaristia) (SANTANTONI, 1994, p.169). Além disso, tem uma estrutura trinitária, sendo dirigida a Deus Pai:

Recordando seus atos salvíficos realizados no Antigo e Novo Testamento (*anamnesis*); invoca a infusão do Espírito Santo e de seu poder vivificante na água, para que a consagre e a torne santificante (*epiclese*); conclui com a prece dos que entrarão na água, a fim de que sejam

assimilados na morte de Cristo para ressurgir com ele na nova vida (*mysterion*) (ROCCHETTA, 1991, p.255).

Temos nessa oração uma “bênção *anamnésica* que lembra numa linguagem de louvor e ação de graças, as obras divinas de salvação que culminam na ressurreição de Jesus” (SANTIDRIÁN, 1996, p.213). Podemos perceber que existe o seguinte esquema, uma dupla série de *anamnesis*, três do Antigo Testamento e três do Novo Testamento, uma *epiclesi* e um pedido de assimilação a Cristo, o *mysterion*:

Pelos sinais visíveis dos sacramentos,  
realizais maravilhas invisíveis.

Já na origem do mundo, vosso espírito  
pairava sobre as águas ... (Gn 1,2)  
Nas próprias águas do dilúvio... (Gn 7,1-8,14)  
Concedestes aos filhos de Abraão  
atravessar o mar Vermelho a pé enxuto... (Ex 14)

3 *Anamnesis*  
do  
Antigo Testamento

Filho, ao ser batizado nas águas do Jordão... (Mt 3,13-17)  
... do seu coração aberto pela lança fez  
correr sangue e água... (Jo 19,34)  
...ordenou aos apóstolos: “Ide, a todos os povos,  
e batizai-os... (Jo 28,19)

3 *Anamnesis*  
do  
Novo Testamento

Nós vos pedimos, ó Pai, que por vosso Filho  
desça sobre toda esta água a força do Espírito Santo.

*Epiclesi*

E todos os que, pelo batismo, forem sepultados na morte  
com Cristo, ressuscitem com ele para a vida.

*Mysterion*

## 2.1 A ÁGUA DA PRIMEIRA CRIAÇÃO

A primeira *anamnesis* da oração nos leva ao relato bíblico da criação descrito em Gn 1,2 onde se diz que o Espírito de Deus pairava sobre as águas, tornando-as fecundas de vida, essa interpretação tipológica tem relação com o batismo cristão, pois serve para “inculcar que a água tem a força de santificar” (SANTIDRIÁN, 1996, p.213). Carlo Rocchetta lembra-nos que na exegese da tradição patrística essa fecundidade das primeiras águas, reporta-nos a fecundidade das águas batismais, ele cita Tertuliano que diz: “A água primitiva gerou seres vivos. Não te maravilhes, portanto, que no batismo, as águas deem a vida” (ROCCHETTA, 1991, p.256). E ainda “O Espírito de Deus pairava sobre as águas, ele que recriaria os batizados

(...). Assim, a natureza das águas, santificadas pelo Espírito, tornou-se também santificadora” (ROCCHETTA, 1991, p.256).

A prece de bênção abraça essa interpretação de que o Espírito de Deus paira sobre as primeiras águas e dessa ação surge a primeira criação, portanto podemos considerar o Espírito Santo como Espírito Criador, como cantamos no antigo hino do “*Veni, Creator Spiritus*”, e que esse mesmo Espírito santifica as águas do batismo, fazendo assim a nova criação. É interessante notarmos que “Desde o início, a água está ligada ao poder materno da criação” (GOEDERT, 1988, p.101), não só no judaísmo e cristianismo, mas em quase todas as religiões e povos, sendo um sinal antropológico rico de vida nova, criação e recriação. “Assim, o batismo é obra de criação paralela à obra criadora que deu origem ao universo, e é da mesma natureza das outras grandes obras criadoras da *historia salutis*” (ROCCHETTA, 1991, p.256).

## 2.2 A ÁGUA DO DILÚVIO

Certamente a narração do dilúvio é uma das mais conhecidas narrações bíblicas, até mesmo para as pessoas mais seculares em relação à religião cristã ou judaica, e não são poucos os filmes que tratam desse evento. No entanto, é bom termos em mente que a narração do dilúvio, não é um patrimônio exclusivamente judaico-cristão. Sabemos que “vários relatos da antiguidade informam da existência de um grande dilúvio ou inundação universal e/ou parcial da terra pelas águas” (SANTIDRIÁN, 1996, p.141). Um desses relatos é o da *Lenda de Gilgamesh*, essa lenda Mesopotâmica fala de um certo Utnapisthim que se salva de uma inundação causada pelos deuses “Houve um tempo quando os deuses destruíram a antiga cidade de Shurupak mediante uma grande inundação. Mas Utnapisthin, alertado por Ea (Enki), conseguiu sobreviver construindo um grande barco” (PROENÇA, 2005, p.165). Utnapisthin levou consigo sementes de todos os seres vivos no barco “Filho de Ubartutu, lágrimas descerão sobre essa casa, construa um barco... Entre no barco e tome consigo as sementes de tudo que vive” (PROENÇA, 2005, p.165). Essa inundação durou seis dias “Seis dias e seis noites sopram os ventos da inundação, enquanto a tempestade varre a terra. Quando chegou o sétimo dia... o mar se calou, a tempestade ficou imóvel, a inundação cessou... e toda a humanidade retornou ao barro” (PROENÇA, 2005, p.167).

Além desse relato mesopotâmico, também existe um relato hinduísta “descrito no mahabharata (III,187)” (SANTIDRIÁN, 1996, p.141), que trata de uma inundação. Porém o relato mais conhecido entre os ocidentais é o bíblico (Gn 7) que narra a história de Noé e de como ele salvou-se das águas junto com sua família. Tal inundação ocorreu porque os homens estavam cometendo muita maldade sobre a terra. Embora existam analogias entre os relatos, esse fato é exclusivo do texto judaico. E é exatamente esse episódio bíblico que é evocado na segunda *anamnesis* da prece sendo “interpretada em sentido soteriológico: a água indica o fim do pecado e o início de uma vida nova” (SODI; TRIACA, 2010, p.213) : “Nas próprias águas do dilúvio prefiguraste o nascimento da nova humanidade, de modo que na mesma água sepultaste os vícios e fizeste nascer a santidade”. É interessante observarmos que a água não é mais elemento de fecundação, de vida como quando o Espírito pairava sobre as águas

da primeira criação, porém é um elemento de destruição da maldade e do pecado no mundo (Gn 6,11-13).

Tendo ainda o simbolismo da morte “a água é também o elemento do tremendo poder de destruição, contra o qual nenhum homem nada pode. O dilúvio continua o ponto culminante dessa consciência trágica” (SANTANTONI, 1994, p.152), porém é necessário vê que não é apenas elemento de aniquilamento, mas também de salvação para o justo, (Noé e sua família) “para o justo que é destinado a se tornar primícias da nova criação” (ROCCHETTA, 1991, p.256). É interessante notar que o tema do dilúvio sempre vai ser retomado nas sagradas escrituras (Eclo 44,17-18; Is 54,9), até o próprio Jesus o cita (Mt 24,37-39). No entanto apenas Pedro vai retomar esse texto em uma perspectiva cristológica-batismal, como nos diz Rocchetta. Vejamos o texto da Carta de Pedro:

Com efeito, também Cristo morreu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, a fim de vos conduzir a Deus. Morto na carne foi vivificado no espírito, no qual foi pregar aos espíritos em prisão, a saber, aos que foram incrédulos outrora, nos dias de Noé, quando Deus, e sua longanimidade, contemporizava com eles, enquanto Noé construía a arca, na qual poucas pessoas, isto é, oito, foram salvas por meio da água. Aquilo que lhes corresponde é o batismo que agora vos salva, não aquele que consiste na remoção da imundície do corpo, mas no compromisso solene de boa consciência para com Deus pela ressurreição de Jesus Cristo (1 Pd 3,18-21).

Nesse texto da Carta de Pedro, que “segundo Perdelwitz, é um sermão catequético pronunciado por ocasião de um batismo” (GOEDERT, 1988, p. 29), podemos notar a analogia teológica do dilúvio com a morte de Cristo e o batismo “O dilúvio é prefiguração do batismo porque, no meio do centro da história, insere-se o evento decisivo da morte de Cristo na cruz, seguido de sua ressurreição” (ROCCHETTA, 1991, p.257). Em cada um desses três momentos devemos observar que a realização do julgamento de Deus que destrói um mundo, ou seja, o do pecado, da corrupção e da maldade, iniciando um mundo novo. Da destruição na época de Noé nasceu uma humanidade nova, que fez uma nova aliança com o Senhor (Gn 9,8-17). Na cruz o mundo do pecado que se iniciou com o primeiro Adão é destruído, dando início ao mundo novo da graça inaugurado pelo novo Adão, e no batismo o homem velho, corrompido pelo pecado é destruído, dando início a uma vida nova. Podemos observar ainda que o elemento de destruição do pecado tanto no dilúvio como no batismo é a água, sendo que o “batismo é o mistério de imersão na morte de Cristo e de novo nascimento ‘pela ressurreição de Jesus Cristo’ através do sinal sacramental da água” (ROCCHETTA, 1991, p.257). Ambrósio em seu sermão para os neófitos também diz que o dilúvio é imagem do batismo:

Assim, pois, naquele dilúvio, desapareceu toda a corrupção da carne, enquanto permaneceu apenas a raça e o modelo do justo. Não seria, pois, então o dilúvio o que é o batismo? Por este último são apagados

todos os pecados, enquanto apenas o espírito e a graça do justo resuscitam (AMBRÓSIO, 2019, p.48).

É interessante observarmos também a interpretação que nos é dada por Goedert:

A tipologia se especifica em três elementos: a água, a arca e as pessoas que se salvam. A água, lugar de luta das potências infernais; a arca, instrumento de salvação, a Igreja; as oito pessoas salvas correspondem. Na economia cristã, aos batizados, salvos sob o signo do oitavo dia, a páscoa (GOEDERT, 1988, p.30).

De fato, os cristãos são sepultados com Cristo pelas águas do batismo (isso bem mais visto pelo batismo por imersão), sendo salvos pela sua gloriosa ressurreição.

### 2.3 A ÁGUA DO MAR VERMELHO

A terceira *anamnesis* da prece faz referência ao relato bíblico da passagem dos hebreus pelo mar vermelho, um evento central na história de Israel, onde o povo foge do Egito e da tirania do Faraó. Essa passagem é uma das coisas que fez Israel ser introduzido na Aliança. Um comentário rabínico sobre o “batismo” dos prosélitos diz que: “Assim como os israelitas não foram introduzidos na Aliança senão através de três coisas, isto é, a circuncisão, o banho passagem pelo mar vermelho e os sacrifícios, o mesmo deve acontecer com os prosélitos” (MARSILI, 2010, p.197). Esse evento é visto por Paulo como *typos* do sacramento do batismo. Diz ele em sua primeira carta à comunidade de Corinto: “não quero que ignoreis, irmãos, que os nossos pais estiveram todos sob a nuvem, todos atravessaram o mar e, na nuvem e no mar, todos foram batizados em Moisés” (2 Cor 10,1-2). Essa releitura de Paulo do evento do Êxodo vê naquele evento o destino dos batizados:

A nuvem na interpretação judaica, evoca a presença de Deus ou da sua glória; no nosso texto, ela é associada à passagem do mar que Paulo interpreta como *typos* do batismo cristão; como os crentes foram batizados no nome de Cristo, isto é, foram colocados em relação com ele mediante o sinal da imersão na água, assim os pais atravessaram o mar graças a mediação Moisés, sob guia e proteção de Deus (nuvem) (Caspani, 2013, p.67).

Não apenas Paulo, mas “toda a tradição cristã utilizou amplamente o evento do Êxodo para descrever a dimensão do batismo como passagem da antiga para a nova vida” (ROCCHETTA, 1991, p.258), onde o faraó é símbolo do diabo e o Egito como imagem do pecado, porém foi passando pelo mar, ou seja, as águas do batismo que foram salvos.

Assim, esta terceira tipologia da prece de bênção enfatiza o significado da água batismal como novo êxodo: o povo de Israel que passou

através do mar é figura do novo povo de batizados a caminho da terra prometida (ROCCHETTA, 1991, p.257).

Para Ambrósio também essa referencia é *tipos* do batismo, porém este é superior “os judeus que atravessaram o mar morreram todos no deserto; aquele, no entanto que atravessa esta fonte... é certo, não morre, mas ressuscita” (AMBRÓSIO, 2019, p.41).

## 2.4 A ÁGUA DO JORDÃO

Com a quarta *anamnesis* nós temos início as lembranças do Novo Testamento, nós encontramos esse relato nos três evangelhos sinóticos (Mt 3,13-17; Mc 1,9-11; Lc 3,21-22), também o evangelho de João fala desse evento (Jo 11,29-34), e ainda os Atos dos apóstolos, (At 10,37-38). Nesta prece é interessante notarmos a menção a água e ao Espírito “a água do Jordão é o sinal do batismo de Jesus e da unção do Espírito” (ROCCHETTA, 1991, p.258), é esse Espírito o mesmo que estava pairando sobre as águas da primeira criação que ungiu Jesus para sua missão (Lc 4,18), “Ele inaugura o seu ministério inserindo-se no lugar dos pecadores. Ele inaugura-o com a antecipação da cruz. Ele é, por assim dizer, o verdadeiro Jonas, que disse ‘pegai em mim e atirai-me ao mar’ (Jo 1,12)” (RATZINGER, 2007, p.33). Dito isso, a prece de batismo nos mostra que “o batismo é santificação e missão no Espírito de Cristo” (ROCCHETTA, 1991, p.258). Alguns padres da Igreja viam nesse evento do Jordão semelhança com o dilúvio, pela água, pela pomba e pela oliveira. Diz Proclo de Constantinopla em um sermão para a festa da Epifania (nas Igrejas orientais a festa da Epifania é memória do batismo do Senhor e não da visita do magos como no ocidente):

Prestai atenção, contemplai o novo e admirável dilúvio, maior e mais poderoso que o do tempo de Noé. No primeiro dilúvio, a água fez perecer o gênero humano; agora, porém, a água do batismo, pelo poder daquele que foi batizado por João, chama os mortos para a vida. No primeiro dilúvio, uma pomba, trazendo no bico o ramo de oliveira, anunciava o odor de suavidade do Cristo; agora, o Espírito Santo, vindo em forma de pomba, mostra-nos o Senhor cheio de misericórdia (Liturgia das horas, 2000, p.540).

Outros padres viam uma semelhança com a passagem do Mar Vermelho, São Máximo, bispo de Turim faz essa ligação, Jesus “na coluna de seu corpo, precede no batismo os povos cristãos, como outrora, na coluna de fogo, precedeu através do mar os filhos de Israel” (Liturgia das horas, 2000, p.540).

## 2.5 A ÁGUA DO LADO TRASPASSADO DE JESUS

A quarta prece nos leva ao calvário, a morte de Cristo “chegando a Jesus e vendo-o já morto, não lhe quebraram as pernas, mas um soldado transpassou-lhe o lado com a lança e imediatamente saiu sangue e água” (Jo 19,33-34). Com esse evento se realiza em Jesus uma

antiga profecia sobre uma água viva que purificaria o povo de Deus, vemos isso em Zacarias “E acontecerá, naquele dia, que sairá água viva de Jerusalém, metade para o mar oriental, metade para o mar ocidental, no verão e no inverno” (Zc 14,8), Também vemos em Ezequiel: “Reconduziu-me então para a entrada do templo e vi ali água que escorria sob o limiar do Templo para o lado do oriente, pois a frente do Templo dava para o oriente. A água escorria de sob o lado direito do Templo, do sul do altar”. (Ez 47,1), e ainda em Isaías: “Ah! Todos que tendes sede vinde à água. Vós, os que não tendes dinheiro, vinde, comprai e comei; comprai sem dinheiro e sem pagar, vinho e leite” ( Is 55,1). Antes desse evento Jesus já havia anunciado que essa profecia se realizaria nele: “No último dia da festa, o mais solene, Jesus, de pé, disse em alta voz: ‘se alguém tem sede, venha a mim e beberá, aquele que crê em mim!’ conforme a palavra da Escritura: De seu seio jorrarão rios de água viva” (Jo 7,37-38). Essa profecia cumpriu-se em Jesus na cruz, Cláudio Vianney, em seu comentário bíblico sobre o evangelho de João nos diz sobre essa passagem:

Ferido pela lança, do lado de Jesus saiu sangue e água (Jo 19,34). Essa água é de suma importância no Evangelho. Ela relembra a água nos relatos de Jesus e Nicodemos (Jo 3,5) Jesus e a Samaritana (Jo 4,10), e Jesus na festa das cabanas (Jo 7,37-38) e representa o Espírito que Jesus entrega na cruz (Jo 19,30) e que, depois, soprará sobre seus discípulos (Jo 20,22). Ela é a água que jorra do novo santuário, que é o corpo de Jesus (Jo 2,21), e leva vida por onde passa (Ez 47,1-12). Juntos, Sangue e água podem também fazer referência à Eucaristia e Batismo, reenviando, respectivamente a Jo 6,53-56 e Jo 3,5 (Malzoni, 2018, p.293).

Ele também é o “verdadeiro templo de Deus (Mt 26,61; 27,40) do qual sai o rio que irrigará e fecundará a nova Jerusalém (Ap 22,1; cf. Ez 47,1-2), água abundante e generosamente oferecida a todos os que tem sede dela (Ap 22,17) símbolo da felicidade escatológica do reino (Ap 7,7; 21,6)” (SANTANTONI, 1994, p.156). Muitos padres da Igreja viram nessa água e sangue que sai do lado de Cristo uma imagem do batismo e da eucaristia. São João Crisóstomo em uma de suas catequeses no século IV dizia:

Estando Jesus já morto e ainda pregado na cruz, diz o evangelista, um soldado aproximou-se, feriu-lhe o lado com uma lança, e imediatamente saiu sangue e água: na água como símbolo do batismo; o sangue como símbolo da Eucaristia (Liturgia das horas, 2000, p.416).

## 2.6 A ÁGUA DO BATISMO

Nas cinco *anamnesis* que antecederam, vimos que a água, obra de criação de Deus, está relacionada com as grandes obras de salvação tanto as que vimos na prece de bênção como em outras passagens, como na criação (Gn 1,2), a destruição e renovação no dilúvio (Gn 7-9), com a libertação dos hebreus e sua passagem pelo mar vermelho (Ex 14, 15-31), com as



purificações rituais (Lv 14, 8-9, Lv 15), as águas de Meriba (Nm 20,1-11), a passagem de Josué e do povo pelo Jordão (Js 3,4-17), a passagem de Elias e Eliseu pelo rio Jordão, a promessa de uma água vivificante (Zc 14,8) no batismo de Jesus (Mt 3,13-15), e a água do seu lado (Jo 19,33-34). Nesta última prece *anamnetica* é feita a referência explícita ao mandato de Jesus de evangelizar e batizar (Mt 28,18-20), podemos ver nesse evangelho que o batismo tem uma “ação genuinamente trinitária, que consagra irrevogavelmente o homem ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo” (ROCCHETTA, 1991, p.259). Caberá aos apóstolos do Senhor realizar essa missão de evangelizar e batizar em nome da Trindade. O batismo que se realizará pelas mãos dos seguidores, unirá o crente com o Senhor Ressuscitado, com o Pai e com o Espírito, “no sinal da água, o sacramento do batismo aparece nesta terceira evocação com o seu mistério total: como dom e evento trinitário em favor dos crentes” (ROCCHETTA, 1991, p.256).

## CONCLUSÃO

A prece de bênção da água batismal que analisamos neste trabalho mostrou-nos o agir de Deus na *historia salutis* por meio da água, , por isso a oração de bênção nos traz seis *anamnesis*, desde a criação onde vimos o Espírito de Deus fecundando e santificando as águas primordiais, passando pelo dilúvio onde as águas acabaram com a iniquidade e deram início a uma nova humanidade, e a passagem pelo mar vermelho onde foi vista a passagem da antiga para a nova vida, ainda o batismo de Jesus nas águas do Jordão e água do lado aberto de Cristo, simbolizando o Espírito e o batismo, tendo o seu ápice no mandato de Cristo para que seus discípulos batizassem aqueles que desejassem fazer parte dos seus seguidores. Sendo assim esse trabalho nos levar a duas conclusões a primeira ecológica, se a água é tão importante no cristianismo o mesmo deve ter uma consciência de preservação da mesma, e segundo é necessário que as comunidades descubram e aprofundem essa oração tão rica, liturgicamente, bíblicamente e tipologicamente.

## REFERÊNCIAS

- AMBRÓSIO. **Os sacramentos e os mistérios**. Petrópolis: Vozes, 2019.
- BÍBLIA – **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.
- CASPANI, Pierpaolo. **Renacer da água e do espírito: batismo e crisma sacramentos da iniciação cristã**. São Paulo: Paulinas, 2013.
- GOEDERT, Valter M. **Teologia do batismo**. São Paulo: Paulinas, 1988.
- HIPÓLITO, de Roma. **Tradição apostólica**. Petrópolis: Vozes, 1981.
- MALZONI, Cláudio Vianney. **Evangelho segundo João**. São Paulo: Paulinas, 2018.
- MARSILI, Salvatore. **Sinais do mistério de Cristo: teologia litúrgica dos sacramentos, espiritualidade e ano litúrgico**. São Paulo: Paulinas, 2010.
- PROENÇA, Eduardo de (org.). **Apócrifos e pseudo-epígrafos da bíblia**. São Paulo: Fonte editorial, 2005.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. **Liturgia das horas**. V. 1. São Paulo: Vozes; Paulinas; Paulus; Ave Maria, 2000.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. **Liturgia das horas**. V. 2. São Paulo: Vozes; Paulinas; Paulus; Ave Maria, 2000.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. **Missal Romano**. 1º ed. São Paulo: Paulus, 1992.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. **Ritual da iniciação cristã de adultos**. Paulus: São Paulo.

SACROSANCTUM CONCILIUM. **Documentos do concílio Vaticano II**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SODI, Manilio; TRIACCA, Achille M. **Dicionário de homilética**. São Paulo: Loyola; Paulus, 2010.

RATZINGER, Joseph. **Jesus de Nazaré: do batismo no Jordão à transfiguração**. São Paulo: Planeta, 2007.

ROCCHETTA, Carlo. **Os sacramentos da fé**. São Paulo: Paulinas, 1991. p. 253.